

B

CAPRICHOS & RELAXOS



Leminski
poemas

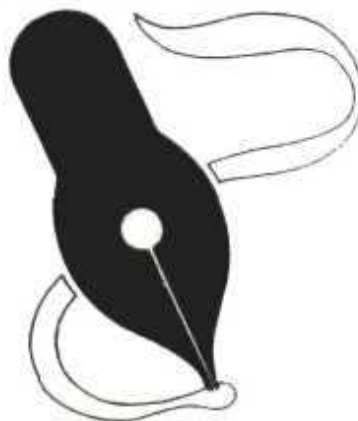
CANTADAS
LITERARIAS



3.^a
edição

LEMINSKI

CANTADAS
LITERARIAS



13



- 1. PORCOS COM ASAS**
Diário sexo-político de dois adolescentes
Marco L. Radice/Lidia Ravera
- 2. TANTO FAZ**
Uma viagem ao redor do umbigo
Reina/da /Moraes
- 5. MORANGOS MOFADOS (Contos)**
Uma *trip* do alto Leblon ao baixo astral
Caio Fernando Abreu
- 7. VAI NESSA**
Um Livro que se lê como um filme, um filme que se lê como um livro
Marco Lombardo Radice
- 8. A TEUS PÉS**
Poesia e prosa com luvas de pelica
Ana Cristina César
- 9. FELIZ ANO VELHO**
A espontaneidade de um jovem num relato de vida
Marcelo Rubens Paiva
- 10. O PÃO NU**
A descoberta do mundo e do corpo por um menino marroquino
Mohamed Choukri
- 11. FOLHAS DAS FOLHAS DE RELVA**
O precursor *beatnik* fazendo poesia e revolução
Walt Whitman
- 13. CAPRICHOS E RELAXOS (Poemas)**
Saques, piques, toques e baques
Paulo Leminski
- 14. MARCOU, DANÇOU!**
Manual de sobrevivência na cela
José Augusto Torres Fontes
- 15. UM TELEFONE É MUITO POUCO**
De Brasília ao Oriente via mochila
Silvia Escorel
- 16. DROPS DE ABRIL**
Poemas de sexo, drogas e rock and roll
Chacal
- 17. MAKALOBA**
Diário litero-alucinógeno de brancos e índios
Edilson Martins
- 18. A FUGA**
Autobiografia de um fugitivo
Reinaldo Guarany
- 19. ENCONTRO**
Poemas com cheiro de flor
Lupe Cotrim
- 20. O MISTÉRIO DO ALMAK**
Narrativa emocionada de uma amizade
José Luis Martin Vigil
- 21. FLIPERAMA SEM CREME**
Ser ou não ser (punk)
Teixeira Coelho
- 22. AUTOBIOGRAFIA PRECOCE**
O poeta como dissidente do mundo
Eugênio Evtuchenko
- 23. ESCARCÉU DOS CORPOS**
Sete histórias de carne e osso
Jorge Miguel Marinho
- 24. PELOS PELOS (Poemas)**
Pequenos poemas, hai-kais tamanhos
Alice Ruiz
- 25. UM COPO DE CÓLERA**
Abismos da razão e da emoção
Raduan Nassar
- 26. O DESTINO BATE A PORTA**
O romance policial que influenciou Camus pensando em Dostoiévski
James M. Cain
- 27. FINESSE E FISSURA (Poemas)**
Nocaute poético ao som de bossa-nova
Ledusha
- 28. SOMBRAS DA BROADWAY**
A política argentina em clima *noir*
Sérgio Sinay
- 29. VIAJANTE SOLITÁRIO**
Depoimento do último andarilho americano
Jack Kerouac
- 30. DAMA DA NOITE**
Uma mulher à procura de alguém ou de algo, mas sempre à procura
Alita Sá Rego
- 31. Viva o coletivo**
Uma juventude entre a militância e o ceticismo
Gérard Mordillat

Leminski

**CAPRICHOS
&
RELAXOS**

1ª edição 1983
3ª edição



Copyright © **Paulo Leminski**

Capa:

Paulo Gomes Garcez

Arte dos poemas do “sol-te”:

retamozo, mirandinha, solda, swain, bellenda, fui vai, tiko

Revisão:

José W. S. Moraes



<http://groups.google.com/group/digitalsource>



editora brasiliense s.a.
01223 - r. general Jardim, 160
são paulo — brasil

CONTRA CAPA

Esse livro de poemas é uma maravilha, porque os poemas do Leminski são muito sintéticos, muito concisos, muito rápidos, muito inspirados.

Ele é um sujeito gozado. É um personagem muito único, no panorama da curtição de literatura no Brasil. Eu acho um barato.

Leminski tem um clima/ mistura de concretismo com beatnik. Que é muito legal. “Verdura” é um sonho. É genial. É um haikai da formação cultural brasileira.

Deve ser instigante para os poetas do Brasil o aparecimento desses novos poetas todos.

Leminski é um dos mais incríveis que apareceram.

CAETANO VELOSO

Das primeiras invencionices ao **Catatau**, da poesia destabocada e lírica (mas sempre construída, sabida, de **fabbro**, de fazedor) ao verso verde-verdura da canção trovadoresco-popular, o Leminski vem, chovendo no endomingado piquenique sobre a erva em que se converteu a neoacadêmica poesia brasileira de hoje, dividida entre institucionalizadas marginalidades plácidas e escoteiros orfeônicos, de medalinha e braçadeira. E é bom que chova mesmo, com pedra e pau-a-pique. Evoé Leminski!

Haroldo de Campos

ÍNDICE

Caprichos e relaxos	11
Polonaises	43
Não fosse isso e era menos. Não fosse tanto e era quase	62
Ideolágrimas	96
Sol-te	106
Contos semióticos	136
Invenções	139

Nota da digitalizadora: Alguns poemas foram digitalizados em imagem jpg. Como os programas de leitura utilizados pelos portadores de deficiência visual não “decifram” este tipo de arquivo, inserimos notas de rodapé com a transcrição dos textos.

PAULO LEMINSKI

Foi em 1963, na “Semana Nacional de Poesia de Vanguarda”, em Belo Horizonte, que o Paulo Leminski nos apareceu, 18 ou 19 anos, Rimbaud curitibano com físico de judoca, escandindo versos homéricos, como se fosse um discípulo zen de Bashô, o Senhor Bananeira, recém-egresso do Templo Neopitagórico do simbolista filelênico Dario Veloso.

Noigandres, com faro poundiano, o acolheu na plataforma de lançamento de *Invenção*, lampiro-mais-que-vampiro de Curitiba, faiscante de poesia e de vida. Aí começou tudo. Caipira cabotino (como diz afetuosamente o Julinho Bressane) ou polilingüe paroquiano cósmico, como eu preferiria sintetizar numa fórmula ideogrâmica de contrastes, esse caboclo polaco-paranaense soube, muito precocemente, deglutir o pau-brasil oswaldiano e educar-se na pedra filosofal da poesia concreta (até hoje no caminho da poesia brasileira), pedra de fundação e de toque, magneto de poetas-poetas.

Das primeiras invencionices ao *Catatau*, da poesia destabocada e lírica (mas sempre construída, sabida, de *fabbro*, de fazedor) ao verso verde-verdura da canção trovadoresco-popular, o Leminski vem chovendo no endomingado piquenique sobre a erva em que se converteu a neoacadêmica poesia brasileira de hoje, dividida entre institucionalizadas marginalidades plácidas e escoteiros orfeônicos, de medalhinha e braçadeira. E é bom que chova mesmo, com pedra e pau-a-pique. Evoé Leminski!

Haroldo de Campos
São Paulo, junho 1983

*Aqui, poemas para lerem, em silêncio,
o olho, o coração e a inteligência.
Poemas para dizer, em voz alta.
E poemas, letras, lyrics, para cantar.
Quais, quais, é com você, parceiro.*

CAPRICHOS & RELAXOS

(saques, piques, toques
& baques)



de como
o polaco jan korzeziowsky
botou a persona/fantasia
de joseph conrad
e virou lord jim/childe harold

um dia desses quero ser
um grande poeta inglês
do século passado
dizer
ó céu ó mar ó clã ó destino
lutar na índia em 1866
e sumir num naufrágio clandestino

contranarciso

em mim
eu vejo o outro
e outro
e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente
centenas

o outro
que há em mim
é você
você
e você

assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós

o p que
no pequeno &
se esconde
eu sei por q

só não sei
onde nem e

sobre a mesa vazia
abro a toalha limpa
a mente tranqüila
palavra mais linda

aqui se acaba
a noite mais braba
a que não queria
virar puro dia

somos um outro
um deus, enfim,
está conosco

cesta feira

oxalá estejam limpas
as roupas brancas de sexta
as roupas brancas da cesta

oxalá teu dia de festa
cesta cheia
feito uma lua
toda feita de lua cheia

no branco
lindo
teu amor
teu ódio
tremeluzindo
se manifesta

tua pompa
tanta festa
tanta roupa
na cesta
cheia
de sexta

oxalá estejam limpas
as roupas brancas de sexta
oxalá teu dia de festa

mesmo
na idade
de virar
eu mesmo

ainda
confundo
felicidade
com este
nervosismo

eu
quando olho nos olhos
sei quando uma pessoa
está por dentro
ou está por fora

quem está por fora
não segura
um olhar que demora

de dentro do meu centro
este poema me olha

desmontando o frevo

desmontando
o brinquedo
eu descobri
que o frevo
tem muito a ver
com certo
jeito mestiço de ser
um jeito misto
de querer
isto e aquilo
sem nunca estar tranqüilo
com aquilo
nem com isto

de ser meio
e meio ser
sem deixar
de ser inteiro
e nem por isso
desistir
de ser completo
mistério

eu quero
ser o janeiro
a chegar
em fevereiro
fazendo o frevo
que eu quero
chegar na frente
em primeiro

aves

de ramo

em ramo

meu pensamento

de rima

em rima

erra

até uma

que diz

te amo

das coisas

que eu fiz a metro

todos saberão

quantos quilômetros

são

aquelas

em centímetros

sentimentos mínimos

ímpetos infinitos

não?

girafas
africanas
como meus avós
quem me dera
ver o mundo
tão do alto
quanto vós

Quem nasce com coração?
Coração tem que ser feito.
Já tenho uma porção
Me infernando o peito.

Com isso ninguém nasça.
Coração é coisa rara,
Coisa que a gente acha
E é melhor encher a cara.

não sou o silêncio
que quer dizer palavras
ou bater palmas
pras performances do acaso

sou um rio de palavras
peço um minuto de silêncios
pausas valsas calmas penadas
e um pouco de esquecimento

apenas um e eu posso deixar o espaço
e estrelar este teatro
que se chama tempo

minha mãe dizia

— ferve, água!

— frita, ovo!

— pinga, pia!

e tudo obedecia

ali

só

ali

se

se alice

ali se visse

quanto alice viu

e não disse

se ali

ali se dissesse

quanta palavra

veio e não desce

ali

bem ali

dentro da alice

só alice

com alice

ali se parece

nada tão comum
que não possa chamá-lo
meu

nada tão meu
que não possa dizê-lo
nosso

nada tão mole
que não possa dizê-lo
osso

nada tão duro
que não possa dizer
posso

parar de escrever
bilhetes de felicitações
como se eu fosse camões
e as ilíadas dos meus dias
fossem lusíadas,
rosas, vieiras, sermões

Bom dia, poetas velhos.
Me deixem na boca
o gosto de versos
mais fortes que não farei.

Dia vai vir que os saiba
tão bem que vos cite
como quem tê-los
um tanto feito também,
acredite.

enxuga aí

vê se enxerga

essa lágrima
eu deixei cair

examina

examina bem

vê se não é
água da pedra
ouro da mina
essa gotadágua

minha

obra-prima

o soneto a crônica o acróstico
o medo do esquecimento
o vício de achar tudo ótimo
e esses dias
longos dias feito anos
sim pratico todos
os gêneros provincianos

dia
ao primo pássaro

foi você
que piou pintou
ontem
pouco antes
do sol nascer?

ou foi
talvez
um irmão tia irmã
uma voz
já
tão
longe
que hoje
até parece amanhã?

Minha cabeça cortada
Joguei na tua janela
Noite de lua
Janela aberta

Bate na parede
Perdendo dentes
Cai na cama
Pesada de pensamentos

Talvez te assustes
Talvez a contemples
Contra a lua
Buscando a cor de meus olhos

Talvez a uses
Como despertador
Sobre o criado-mudo

Não quero assustar-te
Peço apenas um tratamento condigno
Para essa cabeça súbita
De minha parte

a árvore é um poema
não está ali
para que valha a pena

está lá
ao vento porque trema
ao sol porque crema
à lua porque diadema

está apenas

que me importa
meio-dia e doze
o tempo que toque
nesses relógios

matéria de tictac
pra mim agora
é quinze pras quatro
ou duas e vinte e um

dezenove e dezoito
não
que onze e trinta
só meu coração

nada que o sol
não explique

tudo que a lua
mais chique

não tem chuva
que desbote essa flor

a perda do olfato
eu não lamento
afinal o olfato
só serve pra cheirar o
s quatro elementos
vamos ao fato

o paladar eu perdi
mas não porque o perdesse
tirei da cabeça
o gosto do abacaxi

do ouvido não olvido
pois tendo desenvolvido
a guerra dos sentidos
me voltei pro silêncio
o som não faz sentido

uma conseqüência
toma conta de mim
como se fosse um barato

existe um planeta
perdido numa dobra
do sistema solar

ai é fácil confundir
sorrir com chorar

difícil é distinguir
esse planeta de sonhar

objeto
do meu mais desesperado desejo
não seja aquilo
por quem ardo e não vejo

seja a estrela que me beija
oriente que me reja
azul amor beleza

faça qualquer coisa
mas pelo amor de deus
ou de nós dois
seja

não creio
que fosse maior
a dor de dante
que a dor
que este dente
de agora em diante
sente

não creio
que joyce
visse mais numa palavra
mais do que fosse
que nesta pasárgada
ora foi-se

tampouco creio
que mallarmé
visse mais
que esse olho
nesse espelho
agora
nunca
me vê

A vagina vazia
imagina
que a página (sem vaselina)
a si mesma se preenche
e se plagia

Essa língua que sempre falo
(e falo sempre)
e distraído escrevo
embora não tão freqüentemente
massa falida
desmorona no papel

quando babo

e acabada em texto
eu acabo

business man
make as many business
as you can
you will never know
who i am

your mother
says no
your father
says never

you' ll never know
how the strawberry fields
it will be forever

lendas vindas
das terras lindas
de orientes findos

me façam feliz
feito esta vida não faz

uma carta uma brasa através
por dentro do texto
nuvem cheia da minha chuva
cruza o deserto por mim
a montanha caminha
o mar entre os dois
uma sílaba um soluço
um sim um não um ai
sinais dizendo nós
quando não estamos mais

quatro dias sem te ver
e não mudaste nada

falta açúcar na limonada

me perdi da minha namorada

nadei nadei e não dei em nada

sempre o mesmo poeta de bosta
perdendo tempo com a humanidade

minha amiga
indecisa
lida com coisas
semifusas

quando confusas
mesmo as exatas
medusas
se transmudam
em musas

sabendo
que assim dizendo
— poema —
estava te matando
mesmo assim
te disse

sabendo
que assim fazendo
você estava durando
foi duro
mesmo assim
te trouxe

mesmo assim
te fiz
mesmo sabendo que ias
fugaz
ser infeliz
sempre infeliz

mesmo assim
te quis
mesmo sabendo
que ia te querer
ficar querendo
e pedir bis

entre a dívida externa
e a dívida interna
meu coração comercial
alterna

pompa há tanto conquista
cautela tão mal calculada
pausa na pauta
quem sabe em pio pousada
me passa este meio-dia
atravessa este meio-fio
aplaca em luz
a causa desta madrugada

atiça-me a calma
em cólera e guerra floresça
toda esta falta minha alma
tanta valsa chama saudade
tanto A tanto B tanto Z

tanto mim me pareça você

não possa tanta distância
deixar entre nós
este sol
que se põe
entre uma onda
e outra onda
no oceano dos lençóis

sexta-feira
cinza

quantas vezes
vais ser treze?

quantas horas
têm teus meses?

quantas quintas
vão ser trinta?

quantas segundas
nem são nunca?

quantas quartas
infinitas?

você me alicie
eu todo me aliciasse
asas
todas se alassem
sobre águas cor de alface
ali
sim
eu me aliviasse

quando eu tiver setenta anos então
vai acabar esta adolescência

vou largar da vida louca
e terminar minha livre docência

vou fazer o que meu pai quer
começar a vida com passo perfeito

vou fazer o que minha mãe deseja
aproveitar as oportunidades
de virar um pilar da sociedade
e terminar meu curso de direito

então ver tudo em sã consciência
quando acabar esta adolescência

esta ilusão
não desapareça

você deixa
que isso aconteça
ilusão
igual a essa

eu despeço
você
da minha peça

o novo
não me choca mais
nada de novo
sob o sol

apenas o mesmo
ovo de sempre
choca o mesmo novo

pétala
não caia esse orvalho

olho
não perca essa lágrima

auras que já se foram
grato pela graça
a graça que eu acho
em tudo que fica
por tudo que passa

ele era
apenas um L
e ela ah ela
estava lá
à flor da pele
como quem apenas
H

amar um A
como um L
quem amará?

Desculpe, cadeira,
está pisando no meu pé.
Desse jeito, mais parece
esta mesa: nada mais faz
que cansar minha beleza.

Vocês vão ver uma coisa.
Nem porque é de ferro
pode moer meu dedo
este prego, o martelo.

Vocês não têm cabeça.
Não passam de objeto.
Vocês nunca vão saber
quanto dói uma saudade
quando perto vira longe
quanto longe fica perto.

Desculpe, cadeira,
está pisando no meu pé.
Desse jeito, mais parece
esta mesa: nada mais faz
que cansar minha beleza.

Quanto ao resto — até.

elas quando vêm
elas quando vão
versos que nem
versos que não
nem quero fazer
se fazem por si
como se em vão

elas quando vão
elas quando vêm
poesia que sim
parece que nem

minhas 7 quedas

minha primeira queda
não abriu o pára-quedas

daí passei feito uma
pedra pra minha segunda queda

da segunda à terceira queda
foi um pulo que é uma seda

nisso uma quinta queda
pega a quarta e arremeda

na sexta continuei caindo
agora com licença
mais um abismo vem vindo

quem me dera um abutre
pra devorar meu coração!
naco de carne crua
comida de pé no balcão!

quem me dera um apache
pra colher meu escalpo!
que desta vez não escape
nenhum disfarce!

tomara que um furacão
caia sobre meu navio!
que nenhum deus nem dragão
possa ser meu alívio!

em matéria
de tino
 menino
eu tenho dez

quiser
tenho até
um destino
 a meus pés

as flores
são mesmo
umas ingratas

a gente as colhe
depois elas morrem
sem mais nem menos
como se entre nós
nunca tivesse
havido vênus

a história faz sentido
isso li num livro antigo
que de tão ambíguo
faz tempo se foi na mão dalgum amigo

logo chegamos à conclusão
tudo não passou de um somenos
e voltaremos
à costumeira confusão

POLONAISES





CURITIBA
1981

*Polaly sie Izy me czyste, rzesiste,
Na me dzienciństwo sielskie, anielskie,
Na moja mlodość górna i durna,
Na mój wiek meski, wiek kleski.
Polaly sie Izy me czyste, rzesiste...*

(1839)

*Choveram-me lágrimas limpas, ininterruptas,
Na minha infância campestre, celeste,
Na mocidade de alturas e loucuras,
Na minha idade adulta, idade de desdita;
Choveram-me lágrimas limpas, ininterruptas...*

(1979)

*adam mickiewicz
trad do polonês:
p leminski*

o velho leon e natália em coyoacán

desta vez não vai ter neve como em petrogrado

aquele dia

o céu vai estar limpo e o sol brilhando

você dormindo e eu sonhando

nem casacos nem cossacos como em petrogrado

aquele dia

apenas você nua e eu como nasci eu dormindo e você sonhando

não vai mais ter multidões gritando como em petrogrado

aquele dia

silêncio nós dois murmúrios azuis

eu e você dormindo e sonhando

nunca mais vai ter um dia como em petrogrado

aquele dia

nada como um dia indo atrás do outro vindo

você e eu sonhando e dormindo

DANÇA DA CHUVA

senhorita chuva
me concede a honra
desta contradança
e vamos sair
por esses campos
ao som desta chuva
que cai sobre o teclado

aqui

nesta pedra

alguém sentou
olhando o mar

o mar
não parou
pra ser olhado

foi mar
pra tudo quanto é lado

um deus também é o vento
só se vê nos seus efeitos
árvores em pânico
bandeiras
água trêmula
navios a zarpar

me ensina
a sofrer sem ser visto
a gozar em silêncio
o meu próprio passar
nunca duas vezes
no mesmo lugar

a este deus
que levanta a poeira dos caminhos
os levando a voar
consagro este suspiro

nele cresça
até virar vendaval

um passarinho
volta pra árvore
que não mais existe

meu pensamento
voa até você
só pra ficar triste

tenho andado fraco

levanto a mão
é uma mão de macaco

tenho andado só
lembrando que sou pó

tenho andado tanto
diabo querendo ser santo

tenho andado cheio
o copo pelo meio

tenho andado sem pai

yo no creo en caminos
pero que los hay
hay

um dia
a gente ia ser homero
a obra nada menos que uma ilíada

depois
a barra pesando
dava pra ser aí um rimbaud
um ungaretti um fernando pessoa qualquer
um lorca um éluard um ginsberg

por fim
acabamos o pequeno poeta de província
que sempre fomos
por trás de tantas máscaras
que o tempo tratou como a flores

um poema
que não se entende
é digno de nota

a dignidade suprema
de um navio
perdendo a rota

Meu avô-macaco
Aquele que Darwin buscou
Me olha do galho:
Busca a força dos caninos
O vigor dos pulsos
O arfar do peito
O menear da cabeça
O trabalho

Tudo se foi

Nada mais resta
Do fulgor primata
Da força de boi

Saber
Saber mata

espaçotemponave para alice

frag

mentos

do naufrágio

da vida

jogados

na praia

de uma terra desconhecida

porisso

nos apertar

tanto

nos juntar

tanto

juntos enfrentar

a noite

dos espaços interestelares

dois loucos no bairro

um passa os dias
chutando postes para ver se acendem

o outro as noites
apagando palavras
contra um papel branco

todo bairro tem um louco
que o bairro trata bem
só falta mais um pouco
pra eu ser tratado também

bate o vento eu movo
volta a bater de novo
a me mover eu volto
sempre em volta deste
meu amor ao vento

nada foi
feito o sonhado
mas foi bem-vindo
feito tudo
fosse lindo

para a liberdade e luta

me enterrem com os trotskistas
na cova comum dos idealistas
onde jazem aqueles
que o poder não corrompeu

me enterrem com meu coração
na beira do rio
onde o joelho ferido
tocou a pedra da paixão

meu coração de polaco voltou
coração que meu avô
trouxe de longe pra mim
um coração esmagado
um coração pisoteado
um coração de poeta

escura a rua
escuro
meu duro desejo
duro
feito dura
essa duna
 donde
o poema
 uma
 esp
 uma
 doendo
ex
 pl
 ode

hoje o circo está na cidade
todo mundo me telefonou
hoje eu acho tudo uma preguiça
esses dias de encher linguíça
entre um triunfo e um waterloo

você
que a gente chama
quando gama
quando está com medo
e mágua
quando está com sede
e não tem água
você
só você
que a gente segue
até que acaba
em cheque
ou em chamas
qualquer som
qualquer um
pode ser tua voz
teu zumzumzum
todo susto
sob a forma
de um súbito arbusto
seixo solto
céu revolto
pode ser teu vulto
ou tua volta

esperas frustras
vésperas frutas
matérias brutas
quantas estrelas
custas?

oração de pajé

que eu seja erva raio
no coração de meus amigos
árvore força
na beira do riacho
pedra na fonte
estrela
na borda
do abismo

moinho de versos
movido a vento
em noites de boemia

vai vir o dia
quando tudo que eu diga
seja poesia

dia
dai-me
a sabedoria de caetano
nunca ler jornais
a loucura de glauber
ter sempre uma cabeça cortada a mais
a fúria de décio
nunca fazer versinhos normais

ver
é dor
ouvir
é dor
ter
é dor
perder
é dor

só doer
não é dor
delícia
de experimentador

lembrem de mim
como de um
que ouvia a chuva
como quem assiste missa
como quem hesita, mestiça,
entre a pressa e a preguiça

furo a parede branca
para que a lua entre
e confira com a que,
frouxa no meu sonho,
é maior do que a noite

como um coto caro ao roto
incrédulo tiago
toco as chagas
que me chegam
do passado
mutilado

toco o nada
aquele nada que não pára
aquele agora nada
que tinha
a minha
cara

nada não
que nada nenhum
declara tamanha danação

tanta maravilha
maravilharia dura
aqui neste lugar
onde nada dura
onde nada pára
para ser ventura

sim
eu quis a prosa
essa deusa
só diz besteiras
fala das coisas
como se novas

não quis a prosa
apenas a idéia
uma idéia de prosa
em esperma de trova
um gozo
uma gosma

uma poesia porosa

**NÃO FOSSE ISSO
E ERA MENOS
NÃO FOSSE TANTO
E ERA QUASE**

LEMINSKI

não fosse isso
e era menos
não fosse tanto
e era quase

p. lominski

CURITIBA
1981

poema na página
mordida de criança
na fruta madura

olhar paralisador nº 91

o olhar da cobra pára
dispara
paralisa o pássaro

meu olhar
cai de mim
laser
luar

meu despertar
meu amor desesperado
meu mau olhado

despertar
do meu olhar
despertador

meu olhar
leitor

quem come o teu trabalho como eu como este
gomo ou dou este gole

apagar-me
diluir-me
desmanchar-me
até que depois
de mim
de nós
de tudo
não reste mais
que o charme

coração

PRA CIMA

escrito em baixo

FRÁGIL

que tudo passe

passe a noite

passe a peste

passe o verão

passe o inverno

passe a guerra

e passe a paz

passe o que nasce

passe o que nem

passe o que faz

passe o que faz-se

que tudo passe

e passe muito bem

soprando esse bambu
só tiro
o que lhe deu o vento

féretro para uma gaveta

esta a gaveta do vício
rimbaud tinha uma
muitas hendrix
mallarmé nenhuma

esta a gaveta
de um armário impossível

fazia poesia

e a maioria saía
tal a poesia que fazia

fazia poesia

e a poesia que fazia
não é essa
que nos faz alma vazia

fazia poesia

e a poesia que fazia
era outra filosofia

fazia poesia

e a poesia que fazia
tinha tamanho família

fazia poesia

e fez alto
em nossa folia

fazia tanta poesia
ainda vai ter poesia um dia

entro e saio

dentro

é só ensaio

via sem saída

via bem

via aqui

via além

não via o trem

via sem saída

via tudo

não via a vida

via tudo que havia

não via a vida

a vida havia

CURVA PSICODÉLICA

a mente salta dos trilhos

LÓGICA ARISTOTÉLICA

não legarei a meus filhos

evapora

perfume

para o lume

lá em cima

o alto lume

respira

perfumes

você

se lança

cume

nume

névoa

vagalumes

manchete

CHUTES DE POETA
NÃO LEVAM PERIGO À META

eu queria tanto
ser um poeta maldito
a massa sofrendo
enquanto eu profundo medito

eu queria tanto
ser um poeta social
rosto queimado
pelo hálito das multidões

em vez
olha eu aqui
pondo sal
nesta sopa rala
que mal vai dar para dois

a máquina
engole página
cospe poema
engole página
cospe propaganda

MAIÚSCULAS
minúsculas

a máquina
engole carbono
cospe cópia
cospe cópia
engole poeta
cospe prosa

MINÚSCULAS
maiúsculas

a noite
me pinga uma estrela no olho
e passa

cansei da frase polida
por anjos da cara pálida
palmeiras batendo palmas
ao passarem paradas
agora eu quero a pedrada
chuva de pedras palavras
distribuindo pauladas

acordo	logo	durmo
durmo	logo	acordo
nem	memórias	nem diários
comigo	mesmo	dialogo
daqui	até	ali
dali	até	logo

já fui coisa
escrita na lousa
hoje sem musa
apenas meu nome
escrito na blusa

o mestre gira o globo
balança a cabeça e diz

o mundo é isso e assim

livros alunos aparelhos
somem pelas janelas

nuvem de pó de giz

en la lucha de clases
todas las armas son buenas
pedras
noches
poemas

você pára
a fim de ver
o que te espera

só uma nuvem
te separa
das estrelas

não discuto
com o destino

o que pintar

o sol escreve
em tua pele
o nome de outra caça

esquece
em cada uva
a história do céu
do vento
e da chuva

a vida é as vacas
que você põe no rio
para atrair as piranhas
enquanto a boiada passa

você
com quem falo
e não falo

centauro

homemcavalo

você
não existe

preciso criá-lo

confira

tudo que respira
conspira

ana vê alice
como se nada visse
como se nada ali estivesse
como se ana não existisse

vendo ana
alice descobre a análise
ana vale-se
da análise de alice
faz-se Ana Alice

a vida varia
o que valia menos
passa a valer mais
quando desvaria

vento
que é vento
fica

parede
parede
passa

meu ritmo
bate no vento
e se
des
pe
da
ça

johny? está me ouvindo? sim sim claro tua mãe
e eu perdoamos
já perdoamos eu disse perdoamos isso acontece
claro acontece a
qualquer um eu disse qualquer um é to anyone
do you hear me yes
we forgive you i said your mother your mother
forgives you yes
you do you hear me now whatever it is é claro
tudo perdoado tua
mãe perdoa mãe sempre perdoa tudo eu disse
tudo forgives yes
your mother and i we never never pai sempre
perdoa i forgive you
perdooo perdooo agora vá dormir my poor johny
dormir eu disse já
disse que perdooo tua mãe perdoa agora johny
está me ouvindo johny
está me ouvindo when i say do you hear me yes
johny do you do you do

riso para gil

teu riso
reflete no teu canto
rima rica
raio de sol
em dente de ouro

“everything is gonna be alright”

teu riso
diz sim
teu riso
satisfaz

enquanto o sol
que imita teu riso
não sai

passa e volta
a cada gole
uma revolta

tão longe eu lhe disse até logo
um pouco de tudo passou-se outra vez
e foi uma vez toda feita de jogos
aquela outra vez que não soube ser vez
pois voltou e voltou e voltou
sem saber que de duas uma
nunca são três

quero a vitória
do time de várzea

valente

covarde

a derrota
do campeão

5 x 0
em seu próprio chão

circo
dentro
do pão

um pouco de mao
em todo poema que ensina

quanto menor
mais do tamanho da china

de repente
me lembro do verde
da cor verde
a mais verde que existe
a cor mais alegre
a cor mais triste
o verde que vestes
o verde que vestiste
o dia em que eu te vi
o dia em que me viste

de repente
vendi meus filhos
a uma família americana
eles têm carro
eles têm grana
eles têm casa
a grama é bacana
só assim eles podem voltar
e pegar um sol em Copacabana

carta ao acaso

a carta do baralho
grande gilete
corta sem barulho
o olho do valete
o rei a fio de espada
a água e a farinha
uma só passada
a espada na rainha

soubesse que era assim
não tinha nascido
e nunca teria sabido

ninguém nasce sabendo
até que eu sou meio esquecido
mas disso eu sempre me lembro

nuvens brancas
passam
em brancas nuvens

meus amigos
quando me dão a mão
sempre deixam
outra coisa

presença
olhar
lembrança calor

meus amigos
quando me dão
deixam na minha
a sua mão

o paulo leminski
é um cachorro louco
que deve ser morto
a pau a pedra
a fogo a pique
senão é bem capaz
o filho da puta
de fazer chover
em nosso piquenique

queima me um beijo	fogueira de restos do amor
queima	se pode
queima a suspeita	que em meu peito teima
quebra meu dia	que em tanta pedra explode
queima meu nome	que em fogo teu transforme
essa tempestade	a vida em tempo de poesia
queima me tanto	que me lembre sempre
o vento	que me leva para a frente ventania

dia de reis passou
o ano avança a maio
os reis passaram
flor
maria
trabalho
o povo ficou
mãe
maioria
os povos ficaram

nascemos em poemas diversos
destino quis que a gente se achasse
na mesma estrofe e na mesma classe
no mesmo verso e na mesma frase

rima à primeira vista nos vimos
trocamos nossos sinônimos
olhares não mais anônimos

nesta altura da leitura
nas mesmas pistas
mistas a minha a tua a nossa linha

acordei bemol
tudo estava suspenso

sol fazia
só não fazia sentido

Amor, então,
também, acaba?
Não, que eu saiba.
O que eu sei
é que se transforma
numa matéria-prima
que a vida se encarrega
de transformar em raiva.
Ou em rima.

pariso
novayorquizo
moscoviteio
sem sair do bar

só não levanto e vou embora
porque tem países
que eu nem chego a madagascar

mira telescópica
de rifle de precisão
ou janela quebrada
onde uma criança se debruça
pra ver as coisas que são
cenas da revolução russa?

ameixas
ame-as
ou deixe-as

parem
eu confesso
sou poeta

cada manhã que nasce
me nasce
uma rosa na face

parem
eu confesso
sou poeta

só meu amor é meu deus

eu sou o seu profeta

QUE TAL SE
FOSSE REAL
ESSE REALCE
QUE GIL SE
VIU VIAJOU
SE VIA GIL?

o barro
toma a forma
que você quiser

você nem sabe
estar fazendo apenas
o que o barro quer

grande angular para a zap

as cidades do ocidente
nas planícies
na beira-mar
do lado dos rios
feras abatidas a tiro
durante a noite

de dia
um motor mantém todas
vivas e acesas

LUCRO

à noite
fantasmas das coisas não ditas
sombras das coisas não feitas
vêm
pé ante pé
mexer em seus sonhos

as cidades do ocidente
gritam
gritam
demônios loucos
por toda a madrugada

o poema
na página
uma cortina

na janela
uma paisagem
assassina

ascensão apogeu e queda da vida paixão
e morte
do poeta enquanto ser que chora enquanto
chove lá fora e alguém canta
a última esperança de chegar
à estação da luz e pegar o primeiro trem
para muito além das serras que azulam no
horizonte
e o separam da aurora da sua vida

inverno
primavera
poeta é
quem se considera

nunca quis ser
freguês distinto
pedindo isso e aquilo
vinho tinto
obrigado
hasta la vista

queria entrar
com os dois pés
no peito dos porteiros
dizendo pro espelho
— cala a boca
e pro relógio
— abaixo os ponteiros

à pureza com que sonha
o compositor popular

um dia poder compor
uma canção de ninar

it' s only life
but i like it

let' s go
baby
let' s go

this is life

it is not
rock and roll

IDEOLÁGRIMAS



no que eu sinta
sim um pouco de papel
muito de fita
e um tanto de tinta

pego esse mundo
bato na cabeça
quem sabe eu esqueça
quem sabe ele enfim

haikai do mundo
haikai de mim

a água que me chama
em mim deságua
a chama que me mágua

duas folhas na sandália

o outono
também quer andar

hoje à noite
até as estrelas
cheiram a flor de laranjeira

a palmeira estremece
palmas para ela
que ela merece

relógio parado
o ouvido ouve
o tic tac passado

pity
pity
the bird
to
the
city

a estrela cadente
me caiu ainda quente
na palma da mão

noite
a vespa pica
a estrela vésper

passa e volta
a cada gole
uma revolta

bateu na patente
batata
tem gente

aqui é alto

anos não ouço
o c(h)oro dos sapos

verde a árvore caída
vira amarelo
a última vez na vida

nada me demove
ainda vou ser
o pai dos irmãos karamazov

por um fio
o fio foi-se
o fio da foice

no espelho
de relance
a cor do sonho
de ontem

beija
flor
na chuva

gota
alguma
derruba

na rua
sem resistir

me chamam

torno a existir

lua de outono
por ti
quantos s/ sono

nada que eu faça
altera este fato

a folha de alface
é a última no prato

debruçado num buraco
vendo o vazio
ir e vir

casa com cachorro brabo
meu anjo da guarda
abana o rabo

no chão
minhas sandálias

pegadas

como pegá-las?

furta a flor
ao crepúsculo cor de fruta
pássaro tecnicolor

milagre de inverno
agora é ouro
a água das laranjas

xavante
muitos xxxxx
avante

luxo saber

além destas telhas
um céu de estrelas

a chuva é fraca
cresçam com força
línguas-de-vaca

sumiu
o ciúme

vaga
vazio
o vaga
lume

as coisas estão pretas

uma chuva de estrelas
deixa no papel
esta poça de letras

rio
do que não rio
rindo
da criança rindo

esquentar numa fogueira
o frio que sinto
ao contemplar estrelas?

cabelos que me caem
em cada um
mil anos de haikai

a folhas tantas
o outono
nem sabe a quantas

1º dia de aula
na sala de aula
eu e a sala

roupas no varal

deus seja louvado
entre as coisas lavadas

a chuva vem de cima

correm
como se viesse atrás

a flauta índia
diz sempre

não ainda

pe
br
mag

o
a:zul
mã
vermelho
olha

*

* Nota da digitalizadora: pelo
branco
magnólia

o
azul
manhã
vermelho
olha

SOL-TE

LEMINSKI

sol-te

SOLTE O SOL

*

SOLTE
TODO SOL
TODA SORTE

PODE
QUE VOLTE

*

* Nota da digitalizadora: SOLTE
TODO O SOL
TODA SORTE

PODE
QUE VOLTE

**leve tempo
do verbo ir**

**leve ninguém
num tempo
qualquer**

**ir sendo
como vai o verbo
nenhum querer
querendo**

nem toda *hora*

é obra

nem toda obra

é *prima*

algumas são mães

outras imãs

algumas

clima

dissabor
de prazer
eu prazo

dessaber
de passar
acaso

certeza
sorte
aqui
me
jazo

**eu
tão isósceles
você
ângulo
hipóteses
sobre meu tesão**

**teses
sínteses
antíteses
vê bem onde pises
pode ser meu coração**

você me amava
disse
a margarida

a margarida
é doce
amarga a vida

de ouvido

di vi

di do

entre

o

ver

&

o

vidro

du vi do

**SIGNO
SIGO
NA NOITE
O DESTINO
SER
AQUILO
QUE A SOMBRA
QUIS
PARA NOIVO**

*

* Nota da digitalizadora: SIGNO
SIGO
NA NOITE
O DESTINO

SER
AQUILO
QUE A SOMBRA
QUIS
PARA NOIVO

SOL
LUA
POR QUE SÓ UM
DE CADA
NO CÉU
FLUTUA

*

* Nota da digitalizadora: SOL
LUA
POR QUE SÓ UM
DE CADA
NO CÉU
FLUTUA

ATÉ ELA

**DE PÉ
EM PÉTALA**

**DE PÉTALA
EM PÉTALA**

**ATÉ
DESPETALÁ-LA**

*

* Nota da digitalizadora: ATÉ ELA

DE PÉ
EM PÉTALA

DE PÉTALA
EM PÉTALA

ATÉ
DESPETALÁ-LA

**tudo
que
li
me
irrita
quando
ouço
rita
lee**

ai pra bashô

SEM P
NEM M ãE
AIS

PERHAPPINESS

**se
nem
for
terra**

**se
trans
for
mar**

**tudo
sucede
súbito**

**eu não faço
expludo**

a impressão do teu
corpo no meu

mexeu

*

* Nota da digitalizadora: a impressão do teu
corpo no meu
mexeu

da árvore

o O'

o U

o T

o O'

o N

o O'

um tombo

só

*

* Nota da digitalizadora: da árvore
o Outono
um tombo
só

ao que tudo indica
tudo indica
só ver como tudo fica

*

* Nota da digitalizadora: ao que tudo indica
tudo indica
só ver como tudo fica

***PRA QUE CARA FEIA?
NA VIDA
NINGUÉM PAGA MEIA.***



*

* Nota da digitalizadora: o inseto no papel
insiste
traço um círculo em volta
só
o círculo
existe

de som a som
ensino o silêncio
a ser sibilino

de sino em sino
o silêncio ao som
ensino

**eu te fiz
agora**

**sou teu deus
poema**

**ajoelha
e
me
adora**

SÍ LA BA

MIM

PA LA VRA

SEM

F I M

F I M

F I M

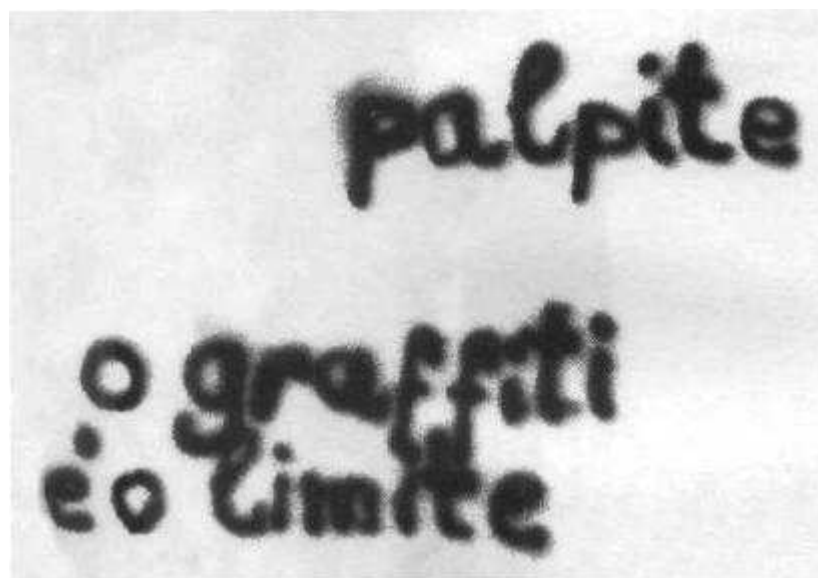
*

* Nota da digitalizadora: SÍ LA BA
MIM
PA LA VRA
SEM
F I M
F I M
F I M

**apagar-me
diluir-me
desmanchar-me
até que depois
de mim
de nós
de tudo
não reste mais
que o charme**

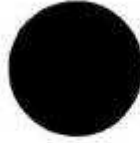


KAMI QUASE



*

* Nota da digitalizadora: palpite
o graffiti
é o limite



LUA NA AGUA
LUA NA AGUA

ALGUMA LUA
ALGUMA LUA

LUA ALGUMA
LUA ALGUMA

*

* Nota da digitalizadora: LUA NA ÁGUA
ALGUMA LUA
LUA ALGUMA

CONTOS SEMIÓTICOS

The logo for LEMINSKI features the brand name in a bold, black, sans-serif font. Above the letter 'I' in 'LEMINSKI', there is a stylized graphic element consisting of a horizontal line with a vertical line extending upwards from its center, resembling a flag or a stylized letter 'L'.

PAPAJoyCEATWORK

(Noite. Joyce começa a escrever)

Madmanam eye! Light gone out!

(Cai no papel)

Mustmakesomething! Reverythming!

(Morde os lábios e gargalha)

A poorirish is a writer mehrlichtsearching,

yesternighteternidades!

(Troveja. Relâmpagos iluminam o quarto. Joyce

prossegue)

Thomasmorrows? Horrifer!

Nice and sweet — the speech of England,

damnyou! Dont?

Must destroy it, just like a destroyer would do it

yourself! Como um verme. Yes, I no.

Done to Ireland! What have they done? It will do.

Beforeblacksblanco, we are even, this very evening!

Think is so.

My vengeance will be as big as say a country as big

as say Brazil.

Someday my prince will come. Our prince:

Sebastião!

Arrise, Lewisrockandcarroll!

Waterrestrela, am I a dayer?

Just a wakewriter.

**O assassino
era o escriba**

Meu professor de análise sintática era o tipo do sujeito
inexistente.

Um pleonasma, o principal predicado da sua vida,
regular com um paradigma da 1ª conjugação.

Entre uma oração subordinada e um adjunto adverbial,
ele não tinha dúvidas: sempre achava um jeito
assindético de nos torturar com um aposto.

Casou com uma regência.

Foi infeliz.

Era possessivo como um pronome.

E ela era bitransitiva.

Tentou ir para os EUA.

Não deu.

Acharam um artigo indefinido em sua bagagem.

A interjeição do bigode declinava partículas
expletivas, conetivos e agentes da passiva, o tempo todo.

Um dia, matei-o com um objeto direto na cabeça.

INVENÇÕES



INVENÇÕES

poemas publicados
na revista “INVENÇÃO”, S. Paulo,
nº 4, dezembro de 1964
e nº 5, dezembro de 1966

hai-cai: hi-fi

I.

chove
na única
qu'houve

cavalo com guizos
sigo com os olhos
e me cavalizo

de espanto
espontânea oh
espantânea

o	a	o	o	a	e
cor	jib	gat	vac	chu	est
v	b	é	c	v	e
voo	boi	tão	cuo	uva	mês
é	a	l	é	é	m
neg	com	ent	ond	mai	smo
r	m	o	e	o	m
ati	ome	qua	vac	aio	mês
v	u	n	c	e	a
viv	hum	nto	cas	que	esm
o	m	l	v	o	m
	boi	end	vão	gua	smo
		o	b	r	n
			ber	rda	est
				c	a
				chu	mês
				v	m
				uva	sma
				a	m
					esa

a grave advertência dos portões de bronze
das mansões senhoriais
a advertência dos portões das mansões
a advertência dos portões
a advertência
a ânsia

materesmofo
temaserfomo
termosfameo
tremesfooma
metrofasemo
mortemesafo
amorfotemes
emarometesf
eramosfetem
fetomormesa
mesamorfeto
efatormesom
maefortosem
saotemorfem
termosefoma
faseortomem
motormefase
matermofeso
metaformose

**PARKER
TEXACO**

**ESSO
FORD**

**ADAMS
FABER**

**MELHORAL
SONRISAL**

**RINSO
LEVER
GESSY**

**RCE
GE**

**MOBILOIL
KOLYNOS**

**ELECTRIC
COLGATE
MOTORS**

GENERAL

casas pernambucanas

*

* Nota da digitalizadora: PARKER / TEXACO / ESSO / FORD / MELHORAL / SONRISAL / ADAMS / FABER / RINSO / LEVER / GESSY / RCE / GE / ELECTRIC / COLGATE / MOTORS / MOBILOIL / KOLYNOS / GENERAL / casas pernambucanas



○: estão perto.
Mais dois corredores, me pegam (continuo correndo).
Passo pela porta, o sinal ●.
Atravesso o labirinto de ⊖, ⊕, ⊗, ⊙, ⊚, ⊛, ⊜, ⊝, ⊞, ⊟, ⊠, ⊡, ⊢, ⊣, ⊤, ⊥, ⊦, ⊧, ⊨, ⊩, ⊪, ⊫, ⊬, ⊭, ⊮, ⊯, ⊰, ⊱, ⊲, ⊳, ⊴, ⊵, ⊶, ⊷, ⊸, ⊹, ⊺, ⊻, ⊼, ⊽, ⊾, ⊿, ⊿, ⊿, em
direção a um ponto ⊕ - encruzilhada versus encruzilhadas.
Fecho a porta.
Chego ao beco sem saída: ⊗. Correndo, ouço seus gritos de triunfo.
○, ⊙, ⊚, ⊛, ⊜, ⊝, ⊞, ⊟, ⊠, ⊡, ⊢, ⊣, ⊤, ⊥, ⊦, ⊧, ⊨, ⊩, ⊪, ⊫, ⊬, ⊭, ⊮, ⊯, ⊰, ⊱, ⊲, ⊳, ⊴, ⊵, ⊶, ⊷, ⊸, ⊹, ⊺, ⊻, ⊼, ⊽, ⊾, ⊿, ⊿, ⊿: corredores.
Agora, os ⊗, ⊕, ⊙, ⊚, ⊛, ⊜, ⊝, ⊞, ⊟, ⊠, ⊡, ⊢, ⊣, ⊤, ⊥, ⊦, ⊧, ⊨, ⊩, ⊪, ⊫, ⊬, ⊭, ⊮, ⊯, ⊰, ⊱, ⊲, ⊳, ⊴, ⊵, ⊶, ⊷, ⊸, ⊹, ⊺, ⊻, ⊼, ⊽, ⊾, ⊿, ⊿, ⊿ e os ⊕ estão nos meus
calcanhares.
Infinitos.
Grandes.
Ferozes.
Me tranco no último corredor: fim da linha.
Batem na porta.
Tomo a pílula que me transporta para outra dimensão. Um segundo,
já sinto os efeitos.
Outro lugar. Sou outro.
A cabeça roda, rodopia, me transformo em flor, no planeta Vênus.
- Não está aqui, escapou - diz
Meus perseguidores tomam suas pílulas, vêm atrás de mim.
Tomo outra pílula, me transformo em pedra: planeta Saturno.
⊗, ⊕, ⊙, ⊚, ⊛, vêm atrás.
Tomo outra. Sou sombra no Sol. ●, ⊕, vêm atrás. Outra. Vapor em
Júpiter.
Outra. Eles - atrás. Outra.
Sou idéia na cabeça de um homem do planeta Terra.
Qual o homem, qual a idéia?
Continuo correndo, fugindo.
Chego, finalmente, à conclusão:
Ninguém vai me alcançar agora que ●



PAULO LEMINSKI FILHO, nascido em Curitiba, Paraná, 38 anos atrás (24 de agosto, Virgo). Mestiço de polaco com negro, sempre viveu no Paraná (infância no interior de Santa Catarina).

Publicou: *Catatau* (prosa experimental), em 1975, Curitiba, ed. do autor. *Não Fosse Isso e Era Menos / Não Fosse Tanto e Era Quase e Polonaises* (poemas, 1980, Curitiba, ed. do autor). Publicou poemas, com fotos de Jaque Pires, no álbum *Quarenta Cliques*, Curitiba, 1979, Curitiba, ed. Etcetera.

Compositor, tem músicas gravadas por Caetano Veloso (“Verdura”, LP “Outras Palavras”). Paulinho Boca de Cantor (“Valeu”, LP “Valeu”, e “Se Houver Céu”, LP “Prazer de Viver”). A Cor do Som (“Mudança de Estação”, LP “Mudança de Estação” e “Razão”, LP “Magia Tropical”).

Três parcerias com Moraes Moreira no LP “Coisa Acesa” (“Baile no meu Coração”, “Decote Pronunciado”, “Pernambuco Meu”).

A parceria com Moraes, “Promessas Demais”, foi interpretada por Ney Matogrosso, no LP “Matogrosso”, tema da novela “Paraíso”, da Globo.

É também letrista do Conjunto Blindagem, de Curitiba (sete parcerias com Ivo Júnior, no LP “Blindagem”).

Ex-professor de História e Redação em cursos pré-vestibulares, é diretor de criação e redator de publicidade. Colaborador do Folhetim da *Folha de S. Paulo*, resenha livros de poesia na *Veja*.

Poemas e textos publicados em inúmeros órgãos (*Corpo Estranho, Muda, Código, Raposa*, etc.) de Curitiba, São Paulo, Rio e Bahia.

Teve seus primeiros poemas publicados na revista *Invenção*, em 1964, então, porta-voz da poesia concreta paulista.

Faixa-preta e professor de judô, vive em Curitiba com a poetisa Alice Ruiz, com a qual tem duas filhas.

Publicou ainda pela Brasiliense *Cruz e Souza* (1983), da Coleção Encanto Radical.

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure:

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

CAPRICHOS & RELAXOS

CANTADA
LITERARI



13

Esse livro de poemas é uma maravilha, porque os poemas do Leminski são muito sintéticos, muito concisos, muito rápidos, muito inspirados.

Ele é um sujeito gozado. É um personagem muito único, no panorama da curtição de literatura no Brasil. Eu acho um barato.

Leminski tem um clima/ mistura de concretismo com beatnik. Que é muito legal. "Verdura" é um sonho. É genial. É um haikai da formação cultural brasileira.

Deve ser instigante para os poetas do Brasil o aparecimento desses novos poetas todos.

Leminski é um dos mais incríveis que apareceram.

CAETANO VELOSO

Das primeiras invencionices ao Catatau, da poesia destabocada e lírica (mas sempre construída, sabida, de fabbro, de fazedor) ao verso verde-verdura da canção trovadoresco-popular, o Leminski vem chovendo no endomingado piquenique sobre a erva em que se converteu a neoadadêmica poesia brasileira de hoje, dividida entre institucionalizadas marginalidades plácidas e escoteiros orfeônicos, de medalhinha e braçadeira. E é bom que chova mesmo, com pedra e pau-a-pique. Evoé Leminski!

Haroldo de Campos